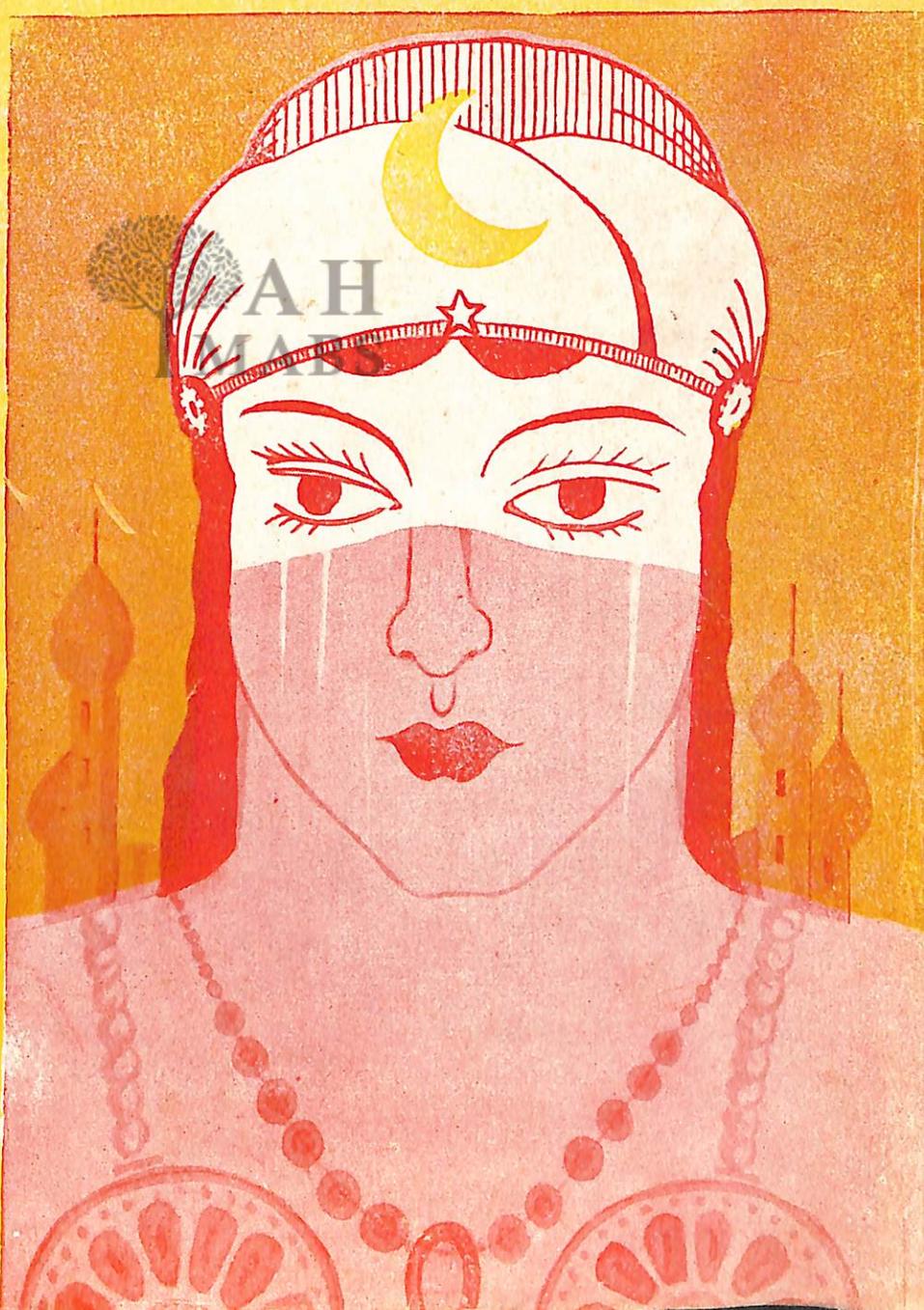


SULTANA

REVISTA MENSAL JUNDIAHYENSE



«SULTANA»

EXMO. SNR.

«SULTANA», uma revista que foi feita para Jundiahy, tem a honra de transpôr, novamente, os humbraes do vosso lar, solicitando o melhor acolhimento.

«SULTANA» está convicida de que será bem recebida, hoje, amanhã e sempre, em todos os lares de nossa terra; de que, encontrará a melhor boa vontade para que a iniciativa vingue, vencendo em toda a linha.

E, nós, seus modestos creadores, certos de contar com o franco e decidido apoio do nosso povô, enviaremos o nosso procurador, nos primeiros dias do mez entrante, para iniciar a arrecadação da quota correspondente á assignatura mensal, que será de 1\$000, importancia bastante insignificante para a manutenção de uma revista local.

Os que não desejarem assignar, pedimos • obsequio de devolvê-la á Redacção, dentro de cinco dias.

A DIRECCÃO

Nossas sociedades

Associação dos Empregados no Comercio de Jundiahy

Repositorio das cousas jundiahyenses, «SULTANA», creará e manterá secções destinadas a fixarem todos os aspectos e todas as variedades de sua intensa vida de trabalho productivo; todas as modalidades de actividade da nossa gente; todos os factores de seu progresso; todo o desenvolvimento de sua vida social. Para tanto, ella conta com o apoio de todas as classes e de todas as sociedades.

Fará, assim, em todo o numero a publicação de um historico de cada uma das nossas agremiações, esportivas, recreativas, dançantes, beneficentes, etc. Inicia esta secção, publicando uma summa historica da prestigiosa associação de classe, cujo nome serve de epigraphe a esta noticia.

Fundada em 24 de Dezembro de 1924, para commemorar a «Lei do Descanço Dominical», posta em vigor nesse anno, em Jundiahy. Foram seus fundadores os seguintes senhores: Alfredo Fronzaglia, Leonetto Carletti, Antonio Campanaro, Plinio Martins Bonilha, José Francisco Pereira (fallecido), Pedro Baptista de Campos Benedicto Ribeiro, Carlos de Oliveira Machado, Reynaldo Bulisani, Luiz Martins Bonilha, e Euclydes Gonçalves de Oliveira.

Luctando com as difficuldades que se deparam em todas as organizações recém-fundadas, installou sua sede provisoria, no mesmo predio da Associação Commercial de Jundiahy, que lhe sub-alugava uma sala. Dessa sala foi que se irradiou todo o crescente prestigio e actividade de que goza hoje a querida associação, fazendo-a mais tarde a pujante e invejada sociedade da mocidade de Jundiahy. Orientada pelos espiritos coordenadores e constructores de Leonetto Carletti e Alfredo Fronzaglia, a Associação dos Empregados no Comercio de Jundiahy, foi se desenvolvendo paulatina, mas seguramente.

Largos serviços prestou ella á collectividade, atravez de innumerables campanhas que iniciou e levou a bom termo, como sejam

a em favor da construcção do Asylo de Carapicuíba, do Hospicio para dementes de Jundiahy, das victimas do Desmoronamento do Monte Serrat, diversas em prol do Hospital de Caridade São Vicente de Paula, etc. Mas dentre todas, merecendo especial referencia, destaca-se a memoravel CAMPANHA DA LEPROSA, onde a A. E. C. J., conseguiu entre concorrentes de formidavel prestigio, vencel-a em toda a linha, conquistando todos os primeiros premios.

Propugnadora tenaz do desenvolvimento do esporte em nossa terra, tem se salientado em quasi que todas as modalidades esportivas. Foi a lançadora do Pedestrianismo em nossa cidade. A ella se deve quasi que o brilho integral de que todas as provas aqui realizadas, se revestiram. Patrocinadora da Prova Classica «A Volta de Jundiahy», venceu-a durante tres annos consecutivos. Seus corredores muitas vezes coireram em provas estaduais conseguindo boas collocações, e, ainda a pouco Mario Alegre que iniciou sua vida de corredor na A. E. C., conquistou o título, assaz honroso de Campeão Brasileiro dos «Dez mil metros». No cestobol firmou-se como adversaria de real valor, enfrentando quadros respeitaveis e levantando o Campeonato Citadino de 1933. E mais o Pingue-Pongue, e o Cyclismo e o Futebol, etc. fizeram com que o seu renome se espalhasse por todos os recantos do nosso Estado.

Ainda uma modalidade de cultura lá fructificou. — a Cultura Civica. Encabeçou a primeira manifestação de regosijo pela chegada do «JAHU» em terras brasileiras. E muitas outras manifestações de caracter civico-patriotico foram por ella realizadas.

Em 1928, dando ensanchas ao seu crescente progresso, iniciou a construcção de um predio proprio, para lhe servir de sede. O resultado dessa campanha verdadeiramente soberba, ali está, attestado nas linhas fiálgas do seu palacete. E ainda agora os seus dirigentes estudam a

possibilidade de ampliação dos seus salões e installações, construindo nova parte.

Para que os nossos leitores possam ter uma pallida idea do progresso dessa agremiação publicamos abaixo um quadro estatístico, bastante significativo.

SOCIOS E PATRIMONIO

Annos	N.º de socios	Patrimônio liqu.
1925	40	—
1926	85	2:455\$000
1927	200	4:555\$000
1928	250	12:950\$000
1929	280	17:155\$000
1930	300	46:777\$000
1931	320	52:605\$000
1932	340	54:986\$000
1933	350	56:712\$000
1934	340	61:174\$000
1935	350	63:821\$000

PATRIMONIO BRUTO

Sede social: 50\$000\$000 — Campo de Bola ao Cesto: 20:000\$000 — Bibliotheca: 6:665\$800 — Moveis e Utensilios: 11:081\$000.

Mantem anexa á sua sede uma optima Bibliotheca e Gabinete de Leitura, onde os seus associados encontram para ler mais de dois mil volumes, alem de seis jornaes diarios, seis revistas e seis jornaes locais. E' esse um dos Departamentos mais frequentados do util e prospero gremio azul e branco.

Offerece ainda aos seus associados diversos passatempos de salão, como sejam Xadrez, Ludo, Bilhar, Damas, etc. e constantemente vespereas dançantes e bailes animadissimos.

E' uma das melhores, mais prosperas e mais prestigiosas associações locais.

AO PÉ DA LETRA

O caólho pr'o pernetta :
— «Como anda você ?»
Responde este ao pé da letra:
— «Como você vê !»

— 0 —

— Menino!... porque bates dessa maneira no pobre gatinho ?

— Porque elle é muito porquinho, mamãe. Imagine que o apanhei passando o cuspo nas mãos e esfregando na cara...

Antonio Panizza

Distribuidor de Cal e Cimento Nacional

PERUSIO

Artigos para Lavoura e Materiaes para construcções:

Cal, Cimento, Ferragens, Tintas, Ladrilhos ceramicos, Tijolos prensados e tubulares. Tecido para estuque, Vidros para vidraças, Pedras de granito. Ferro em barra, Telhas de zinco, de vidro e de barro typo Francezas, Artigos sanitarios: Banheiras, Pias, Bacias para privadas, Azulejos, Caixas de descarga, Lavatorios, Artigos para encanamento de agua e exgottos, connexões, chapas, pretas e galvanizadas. Vidrinhos e mica para revestimentos de predios, Ornatos, Balaustres, Mosai-cos, Fogões economicos, etc. etc.

Rua Vigario J. J. Rodrigues, 108

Telephone, 333 — JUNDIAHY

PAISAGENS DE MINHA TERRA

Grandes empreendimentos em pról da collectividade.
VERDE VERSUS AMARELLO

Apòs um ligeiro descanso dado ao pessoal componente da «Sultana», motivado por um pequeno desarranjo nas suas machinas typographicas, eis-nos de novo na actividade.

Veio o anno de 1930; nada de anormal. Surgiu 1931 numa pasmaceira sem conta. 1932! O anno Bandeirante por excellencia! Eram Bandeiras de treze listas a tremularem de recanto em recanto da Piratininga arrojada! Anno dos «vermelhinhos», das «varegeiras», do «Vôvô» rugindo como leão ferido, dos «abacaxis» azedos, enfim um anno cheio. Vem 1933. Tão insipido como o de 1931; nada de novo. 1934. A não ser alguns palpites acertados no jogo do «bicho», também «rien de tout». 1935. São Paulo que se integra no regimen da Lei e a «Sultana» que reaparece. Nesse descanso que tivemos (1930-1935) deu para que reizessemos as forças. E é porisso que, com coragem, bem alimentados, bem descansados, cá estamos de novo.

1.º — QUADRO

Passa um amarello. Lê-se em letreiros reluzentes: «Estação». — «Duzentão». Aponta em seguida um outro. Este verde. A mesma palhaçada. Quasi no mesmo instante, o outro, amarello, cheio de «duzentão» por todos os lados, inclusive os pneumaticos. Verde não fica atraz. Manda pincelar toda a sua carrosseria, também com «duzentão» e para levar a palma mistura o combustivel com «duzentão». Resultado:— cada falha do motor são «duzentões» ás carradas que jorram pela calçada, num desper

dicio sem conta em epoca como esta, de falta de «Duzentão». E o publico gosa. E torce. E se extorce:

- Vamos no verde?
- Prefiro o amarello.
- Vamos no amarello?
- Commigo é só no verde.

E' a concorrência verde-amarella. Final do 1.º quadro:— Publico, 10 tentos.

Verde-amarello, zero a zero.

2.º — QUADRO

Verde passou. Não tem mais o distico «duzentão». Cansado, estropiado, bater significativo de ferros velhos. Parece folheiro ambulante chamando a attenção do Publico com o seu «delém, delém, delém» caracteristico! Amarello quiz passar. Não poude. Lá se foi o unico sapato. Empacou por que os paralelepipedos «sangravam lhe os pés».

— S. O. S.!

Reboque. Publico que desce. Policia. Corre-corre.

— Vamos no amarello?

— Não.

— E no verde?

— Também não.

E' ainda a concorrência verde-amarella. O Publico torce e retorce.

Final do 2.º quadro:— Publico, zero. Verde-amarello, duplo zero.

3.º — QUADRO

Disputa-se a melhor das trez. Vantagens de 5 tentos ao Publico. De vez em quando surge um verde. De vez em quando um «publico» que lê na taboleta:— «ESTAC...» Manda-o parar.

Com surpresa, eil-o que parte e segue, vagarosamente... Estrilla. O estrillo é livre.

Mais adeante:

— Para ou não para?

Parou enfim. Felizmente. 20 passos adeante.

— Porque foi parar tão longe? indaga nervoso.

— Desculpe, snr.... Não tem «bréques»!...

— Vai subir?

— Vou, mas por onde? Que é feito do estribo?

— Oh! que distracção a nossa! Ficou na Ponte do Guapéva...

Movimento desusado do Publico. Vai e vem pelas ruas. De repente um matraquear de ferros velhos:

— Que é aquillo?

Amarello vem subindo. Ferve de raiva. E com tanto rancor que vai deixando em sua trajectória signaes do esgotamento nervoso. Um passante dá signal de parada. Não precisava. Já estava parado. Lê na taboleta:— «...TACÃO».

— E' este mesmo que eu quero. Toque.

Quatro «agite-se antes usar» e uma «focinhada». Estrilla. Que importa estrillar si a Policia é camarada?

— Porque não sentou?

— O'ra bolas!!! Cadê geito!..

Final do 3.º quadro e melhor das trez:—

Publico:— que no principio estava com dez tentos de «lambuja» perde estes e fica assim collocado:—

Nem verde nem amarello para a Estação;

Nem amarello e nem verde da Estação;

Nem verde-amarello para os bairros;

Nem amarello-verde para os «quintos».

E a collocação do verde e do amarello accusa:—

Verde:— Beleléu.

Amarello:— Beleléu.

Publico:— Verde amarello de «raiva»!..

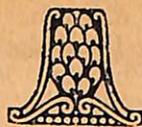
Maio de 1935.

MARY NETTY

Página das Normalistas

O COLEGUISMO

Dissertação.



UM JARDIM

Dissertação

Existem diversas formas de amor fraternal. Mas todas elas se resumem num lindo sentimento, humanamente caridoso, suave; sem o entusiasmo e o calor da paixão, mas possuindo a doçura e a tranquilidade do afeto verdadeiro.

Quem não sente amizade pelas criaturas que, no mar agitado desta vida, as circunstâncias do meio social, a educação e cultura, os põem lutando debaixo da mesma ordem, ideando o mesmo fim?

Quem não quer bem á alma que sente e pensa junto da sua, respirando o mesmo ar, tendo as mesmas ilusões, sujeitas a iguais desganhos, dissabores e alegrias ou triunfos? Oh! só quem não compreende a felicidade das almas que vivem unidas e repartem com as irmãs circunstanciais, o bem que para si é reservado.

**

Colega! Eu sigo o mesmo caminho que você. Estou sujeita ás mesmas armadilhas, ás mesmas torturas e desilusões. Seja, portanto muito minha amiga, para, numa só força enobrecermos e elevarmos ás alturas do Belo e da Perfeição, o meio em que vivemos.

OSCARLINA ARAUJO



O COLEGUISMO

Dissertação

Coleguismo é um sentimento que deve... que precisa existir entre os alunos de uma escola.

E' um sentimento que une os colegas para que, até quando se formarem, não existam intrigas, ciúmes... inveja...

Uma classe em que não há coleguismo é uma classe em que a amizade nunca apareceu.

Coleguismo... é uma flor preciosa que podemos encontrar durante nosso tempo de estudante. E' o perfume dessa flor que torna suave, e agradável o ambiente da vida escolar.

Não devemos, pois, ó colegas, jogar esta flor no turbilhão do esquecimento...

O coleguismo deve existir para que esqueçamos, dentro da escola, as preocupações que nos esperam nesse mundo de incertezas e combates que até hoje temos apenas entrevisto.

O tempo, varrendo todas as nossas alegrias, em breve, só nos deixará recordações que serão um lenitivo para a grande e imensa saudade do tempo escolar.

Haja sempre pois, entre nós, estudantes, o coleguismo, símbolo da união de uma classe!

YOLE BOCCHINO



Medalhões...



Hilda Lacerda — ... um lindo poema de Mistral, que os olhos não se cançam de admirar, relendo-o muitas vezes e fazendo o elogio sublime da sua forma e do seu estylo. Poema de amor e de saudade que comunica á noss'alma uma alegria festiva: um romance lindo vivido nas terras de Granada...

Nida Borgonovi — ... um cherubim que fugiu dos céos, num momento de descuido. Dizem que os seus olhos promettem um lindo paraizo... promettem felicidade infanda.

Emilia Rivelli — ... faz-nos lembrar o final de uma valsa triste, cujos sons suaves e maravilhosos, arrancados das teclas de um cravo antigo, por mãos lyriaese soberanas, tivessem o magico poder de transmitir á nossa alma a deliciosa sensação do opio. Sonho azul ... mundos desconhecidos, e depois... a eterna e carinhosa realidade.

Emilia Lacerda — ... uma agua marinha feita por mãos de mestre. Tão perfeita que o proprio creador admira e a suave brisa acaricia docemente. Vive dentro das molduras do seu pequeno mundo... E vive descuidada, como um barquinho sobre o azul das aguas, vagando ao sabor das ondas...

Elza Favero — ... bem-me-quer, mal-me-quer... e as petalas amarellas da perfumada flor vão cahindo uma

PREMIADA FABRICA DE CADEIRAS

Guido Pellicciari

Fabrics:

Caixa, 25

Est. de Rodagem S. Paulo, s/n

JUNDIAHY

Telephone, 54

Estado de São Paulo

a uma, na poeira dourada de seu jardim de amor. Cru-el indecisão! Mas a brisa passou sussurrando palavras mysteriosas á um roseiral em flor. E eis-a olhos fitos na immensidade azul a procurar os sulcos dourados, deixados pelo carro aligero do seu principe encantado... como num lindo conto de fadas...

LAGRIMA OCCULTA

Perguntas indiscretas

Que pensará a Lucilla C. sobre o amor? Não crerá nelle? E se crê, porque então ainda não procurou o principe encantado que lhe povoará a mente de lindos sonhos?

Quando realizará o Maninho R. o seu grande sonho? Quando, quando se tornarão ridentes realidades as suas grandes, formosas e roseas aspirações?

Não sentirá as vezes a Alice A., saudades de um passado que longe vae? Não palpitará mais o seu coração com a mesma intensidade de hontem? Ou perdurará ainda em seu coração o trvo amargo da desillusão?

Teria encontrado o Fausto P. a sua alma irmã? Encontrará nesse amor, em plena alvorada, a felicidade tão sonhada e buscada e tão difficilmente encontrada?

Porque partiu a Nida B. tão cedo o elo em que Cupido a encerrou? Será o desejo de encontrar num novo amor a plena realisação dos seus ridentes devaneios?

Procurará o Fernando S., percorrendo a cidade com o seu Chevrolet, qual nova mariposa, encontrar o foco luminoso, em cuja chamma crestará os seus anceios celibatarios?

Quando iniciará Neyde P. a caminhada almejada, ao lado do ente que o destino lhe reservou para companheiro na vida? Quando, passo a passo as duas almas que se querem perlustarão a senda da vida, lado a lado?

Quando deixará o Alcides R. O. de ser a creatura volúvel, que aqui vive a enganar os ingenuos corações femininos? Quando se deixará enlear nas trammass traicoeiras de Cupido?

Será que a imagem de algum principe encantado já povoou a mente da Cidinha L. dos primeiros sonhos de amor? Será que o seu coraçãozinho já pulsou mais forte ao pensar em alguém?

Estará longe o dia em que a linda loirinha se una pelos laços do matrimonio ao Armando R.? Estará longe o dia em que elles realisarão o sonho que estão vivendo?

MEXERIQUEIRA

(A quem me entender)

Eu julguei um dia que pudesse ainda sorrir-me, neste mundo, a fada Felicidade. E acreditei piamente nas tuas promessas fallazes, que eram como flores a perfumar os jardins suspensos, da minha alma de creança e que foram, cruel ironia, — punhaes envenenados a traspasar o meu dorido e pobre coração. E porque procuras hoje uma reconciliação impossível? Não, meu amigo. Eu acostumei-me a querer-te bem e a querer-te muito. Eras então, para mim, um sentimento novo e desconhecido que trouxe-me o deslumbramento, ao sentil-o. Foste o meu primeiro amor, e quem sabe, talvez o ultimo. Dei-te o meu coração confiante, virgem ainda de affectos e de desejos. Dei-te depois, medrosa, num beijo longo, os meus labios puros, nos quaes inoculaste o veneno da tua ingratidão. E como depositario, que fizeste desses bens confiados á tua guarda? Poderás responder? Não, não creio. Deixes pois que as lagrimas que já seccaram nos meus olhos, não rebentem novamente. Não revolvás as cinzas de um passado infeliz. Deixes as brazas dormirem o somno eterno, nas proprias cinzas, que são as do esquecimento. Serás para mim um desconhecido, como eu tambem serei para ti uma desconhecida qualquer. Esquece-me e não me procures mais, se ainda me queres bem, pois assim me evitarás reconstituir um castello de cartas, fragil como um sonho, no seu proprio elemento, e que ruiu por terra, deixando-me soterrada em seus escombros.

JUREMA

Nas paginas roseas de um album, brilhará como um clarão fulgente, como symbolo da esperança que vive em cada coração uma palavra — Sultana.

Sultana é o nome que traduz a realisação de um almejado sonho. Pela natureza, pelo ar, o seu nome, cicciado, rumoreja cariciosamente... e o som que se irradia numa opulencia de ritmos, desperta na alma anceios de voluptia. E numa ancia de crescer, de apparecer, de florir, torna-se o vergel onde labios sequiosos irão se encontrar para colher momentos de prazer, para a alma que anceia por felicidades...

Essa ancia, vive Sultana... e do céu perlado de estrellas, resplandecentes, restas de viva luz, virão illuminar os sonhos das almas felizes.

Dourando as palavras para dar vida ás minhas preces, offereço como dadiva maior o meu desejo ardente

te de vel-a vencer, dominar... Na austeramente lancolia das noites enluaradas, sólto as azas da phantazia em busca do reino dourado da illusão onde espero encontrar a desejada inspiração para os meus pobres devaneios. Espero encontrar a perenne fonte, onde possa mitigar a sede de saber que me devóra.

Quero saber para escrever paginas magistraes onde eu possa registrar e guardar a transição espiritual que hei vivido, que hei sentido, mas que não hei comprehendido...

A ti, Sultana, altiva e acolhedora, toda a mystica exaltação em que vivo pelo teu surgir e todo o grande desejo de te ver grande e querida.

Maud

Associação dos Empregados no Commercio de Jundiahy

Fundada em 18 - 12 - 1924

Séde Social: Rua B. Triumpho, 2



TRABALHAES NO COMMERCIO?
Cumprí vosso dever!

Fillae-vos sem demora á ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO DE JUNDIAHY e trabalhae sem descanso pelo seu engrandecimento. ::::



A A.E.C.J. necessita do vosso apolo e auxillo.

A A.E.C.J. mantem Bibliotheca com cerca de 2000 volumes, sala de leitura, bilhares, jogos de salão, ping-pong, bola ao cesto, etc. Tem em organização a Caixa de Beneficencia para auxillo em caso de molestia, pretendendo em breve poder proporcionar assistencia medica e hospitalar.

SENHORES EMPREGADOS NO COMMERCIO: mediante a mensalidade de rs. 3\$000, isenta da taxa de joia, podeis contribuir satisfactoriamente á sua grande obra, qual seja a DEFESA DOS NOSSOS PROPRIOS INTERESSES!

Faces & Fachadas

C. M.

Ei-lo que passa alegre e sorridente,
Mascando um bom charuto de tostão.
Ha quem diga que foi, antigamente,
Um grande «bicho» na manipulação.

Mas, tambem contam que num bello dia,
De um esculapio ao ler certa receita,
Ministrou ao paciente uma sangria,
Operação que foi muito bem feita.

Claro! O doente sarou perfeitamente,
O que hoje attesta prazeirozamente,
Na «Secção Livre» de optimos jornaes.

Mas o caso é que a doença «passageira»,
Dava alimento a uma familia inteira
E hoje, caros amigos, não dá mais!

ALI-BABÁ

NOSSA GENTE

Foi com satisfação que recebi a alviçareira noticia do resurgimento de «Sultana». Jundiahy que cresce, que evolue, que se desenvolve maravilhosamente, num surto magnifico de progresso, em todos os ramos de actividade, precisava da sua revista. Jundiahy, que paulatinamente vae se tornando um grande centro de cultura espiritual, precisava de uma publicação que acolhesse em suas paginas as mais variadas manifestações do talento de seus filhos. Jundiahy, precisava de um órgão que guardasse em suas paginas a historia de uma mocidade estudiosa

e productiva; de uma mocidade estuante de vida e engenho. E, creio, sinceramente, que «Sultana» venha preencher cabalmente essa finalidade. E são esses os votos mui sinceros, que apresento á revista que resurge.

Attendendo gostosamente a um convite que me foi dirigido, tomei a grata incumbencia de dirigir esta secção, antigamente a cargo de «Sultão». Mudei-lhe o nome. Se é uma secção destinada a fixar certos factos da vida dos nossos conterraneos, vamos dar a ella um nome que melhor lhe assiste. Dahi, — «NOSSA GENTE».

Serão pequenas chronicas, com algo de sal e de sua irreverencia, sem o fito,

porem, de menospreso ao attingido. Desejo apenas, encobrando com o véo de são humorismo, contar algo da nossa gente.

Com esse fito, receberei pequenas chroniquetas, ou mesmo piadas delicadas, que porventura tenham se dado aqui ou fóra, com os filhos ou moradores desta Bagropolis.

A' guisa de apresentação, estas desprezenciosas linhas. No proximo numero começará a «inana».

Minha gente! D'oravante as columnas de «NOSSA GENTE» será do

Aymoré

FOLHAS SOLTAS

Uma lagrima de mulher é muito peor do que todas as calamidades do mundo, porque domina, vence e enlouquece ao objecto que a provocou.

Ser amado, é o ideal de todo o individuo que sente, sofre e sabe dissimular, mas nem todos tem o poder de saber disfarçar o que sente o coração sensível do homem que sabe amar desinteressadamente.

A ultima folha que cahe da arvore é a que resistiu mais tempo ás agruras das intemperies, por rem, não é a que serviu de alvorada a arvore que frondejou viçou e dominou a florista.

Os olhos azues, apesar de todos os encantos, tem um grande poder de traição e matam sem deixar signal de offensa soffrida.

Foi um sorriso de mulher que levou a desgraça por toda a parte, porque a mulher sorrindo ou chorando sabe enganar. O seu sorriso é um inferno e a sua lagrima um paraíso.

Rosa do Prado

CAIM...

Ao espirito da luz de :...:
Casimiro Brites Figueiredo

Não ambicione a Paz, ó tú que estás em meio,
em meio ao tumultuar da humanidade aflita!
Nem reclames o Bem, pois vês que o mundo é cheio
da maldade voraz que em cada peito habita!

Não creias no Direito e na Razão. Medita,
prescruta em cada olhar, verás em cada seio
o germen da ambição e, sobretudo, o feio,
o feio e vil Caim: duma raça maldita!

A Humanidade vae, caminha cambaleante,
ao peso do Rancor que móra em cada peito,
ao peso da Ambição que fulge em cada olhar...

E' seu destino atroz!... Deixae-a até o instante
em que sucumbirá por seu proprio despeito
e se estacelará já cançada de odiar!

DUILIO GAMBINI

Avaré, Maio de 1935.

Dialogos
de todo instante

.....

— Meu pobre coração,
que alguém andou enchendo de doçura e de illusão.
Conta-me de onde veio essa amargura,
que vae contigo pela vida em fóra.

Conta-me de onde veio essa maldade,
que os teus labios enflóra, amphora á
transbordar da saudade dos beijos!...

— Eu choro a dôr de já não ter desejos...

— E que irás fazer tu por esse mundo infiel, meu pobre coração exangue;
sangrando fél, espadanando em sangue, de uma emoti-

va e incomprehendida dor?
— Tentar mais uma vez, a
volupia do amor!...

— Mas, si no fim da estrada,
rotas as cordas do teu bandolim;
si da estrada no fim, não encontras nada!
Desgraçado, sozinho, abandonado;
vagabundo aos pontapés por este mundo,
o que farás por este mundo,
o que farás, sem um carinho sequer?

— Morrerei a pensar no amor de u'a mulher...

JONI

S. Paulo, 20 de Abril de 1935.

Erwin Bornstein

Dentista pratico licenciado

Praça Marechal Floriano Peixoto, 13 (ao lado do Hotel Jardim) — Telephone, 52

SULTANA

Sobre um palanquim recamado de ouro, onde uma almofada azul, — pedaço de céos desconhecidos — lhe serve de encosto, a linda filha das terras orientaes, faz o seu passeio costumeiro. O seu niveo corpo descança dolentemente em coxins de purpura. Parece sonhar. Os seus olhos grandes, semi-abertos, vagam na amplidão infinita como aves sem pouso. E os seus labios vermelhos são bem um poema de amor e de promessas. E' a Sultana que passa.

Precedem na grupos de batedores, vestidos a caracter, seguindo em passos cadenciados os tocadores de bandurras. Desses instrumentos divinos os sons se desprendem num cascatear de rythmos, enchendo o ambiente de funda nostalgia. E' bem a alma do oriente, alma feita de mystérios e de perfumes, que se invoca nesse canto triste, nesse canto que lembra um passado vivido, feliz á sombra das tamareiras. Do sequito rico e dos nobres que a acompanham talvez seja eu o mais pobre de todos. Mas a ella, á Sultana que eu considero uma particula da minha propria vida, eu rendo o tributo mais nobre e puro que se alberga no meu coração. Quero vel a viver, quero viver á a sonhar, quero vel a amada, querida, mui querida.

E no seu pedestal de glorias, eu desfolho como num hymno victorioso, as flores singelas da minh'alma, que se curva reverente, enquanto os meus labios murmuram aos céos, uma prece de venturas mil.

E' a Sultana que passa.
Pirajuby, Abril de 1935.

ARRUDA CAMARGO

SULTANA

REVISTA MENSAL

(2.ª PHASE)

Jundiahy, Maio de 1935

■ ■ ■ ■ ■

Volta «SULTANA» a visitar mensalmente os lares jundiahyenses. Volta a occupar o logar de destaque que a nossa gente reservava-lhe no coração.

Motivos imperiosos forçaram a sua direcção, em 1929, a suspender a sua publicação, depois de quasi dois annos de circulação. E assim, «SULTANA», a primeira revista jundiahyense, a revista que soube se fazer querida, encerrou o seu cyclo

inicial. Mas, amigos nossos e de Jundiahy, insis-

tiram no desejo de vel-a novamente em circu-

lação. O desejo foi attendido. «SULTANA», está ahi!

Procuraremos manter o mesmo programma inicial —

Jundiahy, suas cousas e sua

gente! Procuraremos outrosim, reunir em torno de

«SULTANA» todos os intellectuaes da terra, fazendo-a assim uma especie

de album onde elles possam dar vasão ás producções do cerebro privilegiado e onde a nossa gente

encontre um repositório de cousas nossas, muito nossas.

Procuraremos fazer em Jundiahy

uma revista que preencha plenamente a sua finalidade.

Para isso contamos certos, com a boa vontade de toda a nossa gente,

para que «SULTANA», seja uma revista de todos e para todos.

«SULTANA» está ahi!

Para ella as primeiras saudações.

■ ■ ■ ■ ■



Mariscos

Um namoro, hoje em dia é coisa «canja». Deve-se porém, tomar muito cuidado. Uma coisa canja pôde a trahir uma **sopa**: o casamento.

Casamento é sopa entulhada de migalhas de ossos...

Osso é materia «engasgante». Homem engasgado é um desastre. Uma verdadeira catastrophe. (Para mulher, a mesma receita).

Ser dom Juan é uma arte. Ser trouxa é outra mais ou menos correlacta. Ambas porem offerecem o mesmo perigo.

Macaco velho não pula em galho secco, mas... pode levar chumbo grosso.

Um homem probo é uma besta num rebanho de zebras.

Amor começado em noite de luar, ao som de valsa, acaba quasi sempre em noite escura as som de marcha funebre ou a toque de caixa.

A verdade é uma especie de mentira á meia-mascara. (Defeito do seculo).

JUAN

RETALHOS...

Não são raras as vezes em que a idéia é absolvida por uma onda inexplicavel de aborrecimento intimo.

Mesmo quando sós, não conseguimos "conservar o nosso sorriso" sorrindo de nós mesmos. Sorrindo do nosso aborrecimento. Sorrindo da nossa estupidez de manter um mal "sem saber porque".

Procurando vencer uma dessas ondas que ameaçam devorar o mundo e no entanto fazem a digestão antes de o engulir, procurei acotovelar-me na janella alta da minha casa.

Emquanto passasse em revista a minha rua, todo o meu mau humor se perderia no immenso espaço que vai da minha janella até á Serra dos Crystaes, que parecia furar as nuvens baixas.

Foi nesse estado de coisas que me veio á mente uma phrase que li não sei onde nem quando: "Bem poucos são os que sabem aproveitar uma janella".

Despertado por esta phrase que vale, como costumam dizer, uma existencia, procurei attingir, lá em baixo, o principio da rua. E, á guiza de observador, notei um magote de gente que subia a ladeira. A minha vista esforçava-se para objectivar a razão de tanta gente e quando consegui, arrepiei-me todo...

O enterro passava, agora, defronte a mim.

Em todas as portas e janellas, curiosos, (outra coisa não poderia ser.)

O destlle do fim subia, subia...

A janella ao envez de me

curar, mais me aggravou.

Persisti, porem, em acompanhar com a vista o enterro que vencia com sacrificio a ladeira.

Uma voz de mulher, partida de baixo da janella, desviou a minha attenção do funebre cortejo. Era a d. Maria que me dizia, esboçando um sorriso:

— Que bonito enterro, não?

— É d. Maria... bonito, mas não muito.

D. Maria continuou o seu caminho fazendo a mesma pergunta a todas as pessoas que ia encontrando.

Eu fiquei com as palavras a girarem nos miolos. Que bonito enterro. Que bonito enterro. Existirá por ventura algum enterro bonito? Não, não é possível. Um enterro por mais espectacular que se nos apresente, sempre conduz luto. O luto nunca pôde expressar belleza. O luto lembra que, alem do fim de uma existencia, alguem ficou com o coração ferido. Alguem ficou derramando lagrimas cheias de saudade.

D. Maria não soubera se expressar. Coitada! Seria ignorancia? Provavelmente.

Estava eu mettido nesses pensamentos quando, roncando tremendamente, um caminhão procurava vencer a ladeira asper da mi-

nhã rua. Sobre elle, um punhado de gente cantava marchinhas carnavalescas. O motor roncava desesperadamente. Era a algazara completa. Aquelle grupo encaminhava-se para um picnic.

D. Maria, alli da janella, gritou:

— Que gente maluca. Parece que fugiram do Juquery. Que barulho!

— É D. Maria... É o mesmo. É cá comigo. É essa D. Maria até se parece com a vida. É um armazem de paradoxos. Acha um enterro bonito. Censura um bloco que segue gozando a vida antes que a morte chegue e vive martelando o juizo alheio com a sua sem-cerimonia simplesmente insupportavel.

Dois quadros da vida ficaram moldurados pelo batente da minha janella. A Morte e a Vida. Como complemento, D. Maria.

Envolto por este paradoxo, meditei. Meditei muito e conclui que o auctor daquelle phrase tinha razão. A janella as vezes nos ensina muita coisa util.

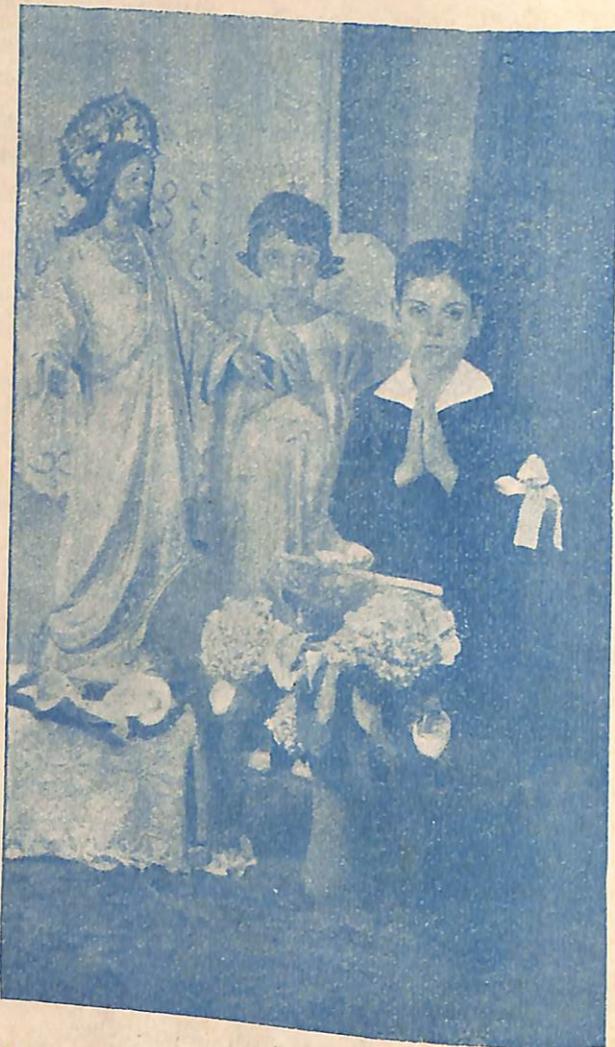
Eu apreendi que o meu aborrecimento não tinha razão de ser. E me propuz a rir, porque a humanidade ri-se de si propria utilizando-se de cada ser por sua vez, para gozar e achar bonito o que é feio e triste, censurando e julgando ridiculo o que é bonito e alegre.

Ah! a minha janella! — Ella me faz lembrar que para chorar choramos sós. E para rir... Para rir encontramos uma moleza, dizia que ri da gente, mas não para a gente.

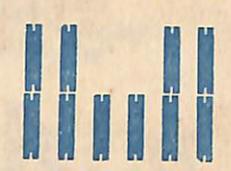
Victor Moreno

Leiam "SULTANA"

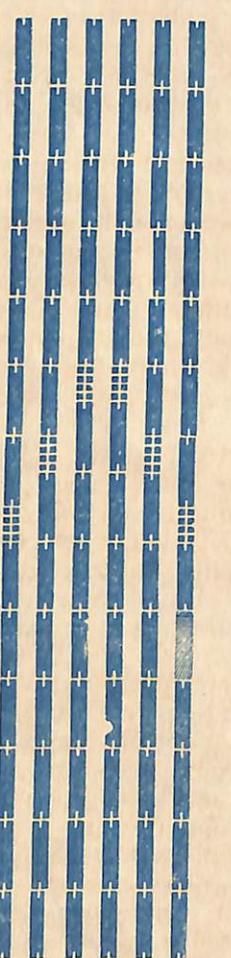
Pae nosso, que estaes no céo...



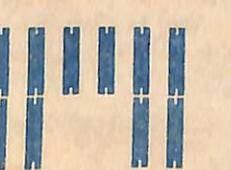
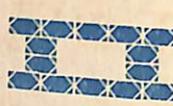
EDITH CARLETTI e FERNANDO BRAGHIN
no dia de sua primeira communhão.



Fragmento de uma carta



BEATRIZ DOS REIS CARVALHO

...Nem sei o que te escreva...Francamente,
que te posso dizer? E' tudo vão..
toda palavra é ouvida indifferente
quando se tem magoado o coração.

Que te posso dizer? Certas tristezas
ferem, as vezes, de uma forma tal,
que a phrase mais subtil tem asperezas
e até n.esmo o consolo nos faz mal.

Por isso a minha carta apenas vem
fazer-te uma visita de amizade
e o meu desejo de trazer, tambem,
de que te volte a Paz. Felicidade!...

E' difficil obtel-a tão depressa !...
Que possui-a é doida phantasia..
A gente é só feliz pela promessa
que a vida faz de nos ser boa um dia.

E a vida mente tanto !
No emtanto,
apesar das mentiras que ella diz,
acreditamos sempre que é verdade
se ella promette dar felicidade
quando a gente deseja ser feliz...




PONTAS - DE - CIGARRO



Especial para "Sultana"

DALMO BELFORT DE MATTOS
(Da Academia de Letras da Faculdade
de Direito de São Paulo).




A CALÇADA está cheia de pontas de cigarro. Atiradas, aqui e alli, escondendo-se entre as pedras da sargeta, apparecendo em promiscuidade gritante com o lixo anônimo, que as creadas lançaram displicentemente para a rua. Para a valla commum do esquecimento.

Transeuntes passam apressados, batendo marcialmente os tacões dos sapatos. Accudindo ao clarim da lucta pela vida. E pizam, inconscientes, as pontas soffredoras. E trituram a cinza de encontro aos parallelepipedos gastos, emquanto o poste da Light, pintado de fresco, ostenta galhardo a cinta branca sobre o fundo preto . . .

Transeuntes passam e repassam. Elles não sabem. Elles não comprehendem a psychologia daquellas pontas de cigarro, atiradas á sargeta igualadora. Cada uma conta a historia diversa das almas que lhe sorveram o fumo e que lançaram para o alto as espiraes cinzentas de fumaça.

Uma ponta, quasi inteira. Jogou-a, por certo, a mão nervosa de um commerciaro, vindo tardar o bonde e se aproximar a hora do serviço. Aquella traz, ainda, a marca dos dentes que a trincaram, com raiva, contendo a meio a phrase que explodia.

Essas outras, mais longe, imperceptiveis quasi junto da arvore esgalhada, evocam uma espera anciosa, febril, daquelle rapaz que olhou, obstinadamente, certo trecho da rua, horas a fio. E que consumiu inutilmente, uma carteira de «Jockey Club».

Outra, mais longe . . . um cigarrinho de ponta dourada, relembra talvez, a caricia dos labios femininos que a prenderam, desageitadamente, numa affectação de masculinidade. Desmentida, logo, por marcas de «baton» . . .

Os homens passam, materiaes, batendo marcialmente, os tacões dos sapatos. E o chronista, profissionalmente romantico, olha as pontas crestadas dos cigarros. Parece-lhe ver restos de sonho, farrapos de ideaes que se finaram, de encontro aos parallelepipedos gastos e rudes da existencia material, prosaica

Uma chamma que brilhou, cresceu. Uma fumaça que se ergueu, em espiraes de phantazia... Densas e pequenas, a principio. Depois maiores. Cada vez maiores e mais fugazes, tenues, esbatidas . . . Depois, a promiscuidade humilima das sargetas . . .



A dança dos tangarás

(Lenda da Marinha Paranaense)

lamo ao Fincão, nos arredores da pittoresca e quieta Guaratuba, com o fim de apreciar uma «batição» de arroz, em casa do velho Salustiano.

A maré grande, embocando-se pelo rio Cubatão a dentro, embalava gravetos limpos das encostas e folhas amarellecidas dos mangues.

De vez em quando, aqui e ali, um bóto, a se rebolava na flor das águas, resmungadas.

Os bentevis, empoleirados nos topos secos das arvores ribeirinhas, estridulavam o seu canto lendário: «bem te vi!...»

O sol, a brilhar no céu escampo, estava «tinindo» nessa hora!

E os seus raios aurifugentes vinham reverberar de encontro ao verde-escuro da mattaria, ao longe, pondo-nos ardências na vista.

Que dormencia havia em tudo!

Mas, como querendo quebrar aquella monotonia desoladora, o Nhô Simplicio, no seu canoeiro e fôlha de bandeira do Espírito Santo, começou a entoar tangarângas, choras de tropezos e de saudades, como são todas as cantigas dos rebolões do littoral paranaense.

E cantava:

Aquella ingrata e tyranna
Ainda ali mandou lembrança...
Mas eu não lhe dei resposta
Pra não lhe dá confiança!

Se este mar fesse de leite,
Como é de água salgada,
Mandava fazer um queijo
Pra te dar uma talhada!

E assim, assumptando as cantigas do Nhô Simplicio, chegamos ao porto do velho Salustiano. Do porto até a casa havia ainda um bom pedaço de caminho a palmilhar. Caminho todo limpo, ensombrado. De quando em vez, um mambú, espantando-se com a nossa presença corria através do matto ralo, fazendo bulhas nas folhas seccas.

Aqui e a lá, pequenos «sambaquis» a branquejarem sob a soalheira!
Lá as tãntas nos esgalhos

duma camarinheira topamos com um bando de tangarás. Nhô Simplicio estacou, de repente, e nos impedindo a caminhada, com os braços sussurrou: «Parêno e escutemo!»

Eram os tangarás, que «dancavam»! Raramente se nos offerece tal espectáculo e raros são os paranaenses que o assistiram...

Quatro ou cinco d'elles saltitavam em derredor dos outros, tres ou quatro faziam de «músicos». Uns tocam, outros dançam.

A dança consiste num revoluteio incessante; formação de círculos; o tique consiste num zumbido rouquenho, semelhante ao som produzido por esse pequeno instrumento musical dos ca-

O MAGRO?!



... não p'ra nosso conterraneo, o Boem Re...
... seu generoso...
... a...

INSTANTANEO

boclos littoreanos, hoje raro, chamado «marimbáu».

Cessada que foi a dança original dos tangarás, continuamos a viagem.

Quando passamos rente a camarinheira, os tangarás bateram em retirada, embrenhando-se na mattaria.

Nhô Simplicio, então, fallou: — «Esses passarinhos são os filhos do fallecido Chico Santos, que andam cumprindo o fado!»

— Como assim? Nhô Simplicio...

— «Pois é, eu vou contar a historia para mecês»...

E nhô Simplicio, andando á nossa frente, curvado ao peso dos annos, começou a nos contar a pittoresca lenda dos tangarás.

Ha muitos annos já morou aqui nestes pagos o velho Chico Santos, pescador e dono de uma sitioca muito bem plantadina. Elle já é morto, ha bom eito de tempo. Tinha uma familia grande, muitos filhos... 3 homens e 4 mulheres. Os filhos gostavam muito da folia: não perdiam fadango, «batição e mutirão». As filhas, tambem, Deus que me perdôe eram «muito falladas», e acompanhavam os irmãos nas folias pelas redondezas. Os filhos eram bons violeiros e as moças sabiam sacxudir as saias nos «vorteados» dos valsados. Quando elles não podiam fandangear nas casas alheias, faziam a folia em casa, mesmo, entre elles. Nunca vi gente pra gostar tanto de bailes! Não respeitava nem dia santo, nem quaresma. Todo o mundo reparava... Até diziam que elles tinham parte com o demo... Não era p'ra menos! Mas num dia santo muito grande, sexta-feira maior, elles tiveram o pago... Mecês só imaginem, essa gente não respeitou nem a san-



Sob a «sombra» egoista de uma «sombriinha»,
ellas passeiam seu encanto e juventude
pelas nossas ruas

tidade desse dia... fizeram tocata em casa, dançaram, cantaram, se «debicaram» nas violas! Mas quando foi umas horas, a sala se escoreceu, fedeu enxofre e dizem (Cruz credo!) que o demo appareceu em figura, na sala! Appareceu e «encantou» a filharada do fallecido Chico Santos, em passarinhos. De primeiro o povo começou a dizer que o Demo tinha feito elles virem em «almas de gato»,

esse passarinho preto que mecês viram lá p'ra traz... Mas depois o povo descobriu que foi em tangará, que elles se «encantaram». Foi dahi que começaram apparecer esses passarinhos que nós acabamos de ver, dançando... «São os filhos do fallecido Chico Santos... Cruz, manifica!..»

Piá dos Campos

SOCIEDADE

Variações sobre o inverno

O Inverno chegou... Como tudo neste mundo, elle tambem está errado, pois a astronomia prevê seu início no proximo mez... mas lá estamos em pleno inverno...

Já se iniciou a symphonia dos "manteaux" em astrakan preto... esses delciosos "manteaux" quentes como um beijo, que surgem atrevidamente esconde - escondendo os corpos femininos...

Inverno... orgia de "renards", "pullovers", luvas, velludos e pellucias...

À beira das aguas que descem, que descem murmurantes, quando o sol vae alto, o narcisismo dos salgueiros... quando apparece a lua, o doloroso anelo dos chorões mergulhando na agua, seus longos ramos em busca desesperada e inutil do bello das estrellas...

O vento frio trazendo um mau pensamento "narquois"...

As piscinas passam os dias sem um "frisson", e, á noite as tremulais: vêm brincar na superficie agitada pelo vento, parecendo arrepios no corpo de menina-moça que ouve as primeiras insinuações, as primeiras palavras "charmants", a primeira declaração...

O céu é mais azul, o sol é menos quente, as estrellas brilham mais alto e a lua... ha! a lua, ella vê o encantamento dos namorados que procuram o calor "a dois" em pleno jardim...

(Como tenho inveja da lua, desse encantamento, dos jardins e dos que estão tomados do mal do amor!...)

Dos labios "batonées" as palavras caem quentes, vermelhas como um beijo, mais envolventes, mais promissoras... "exquisement..."

Nosso pensamento é mais agil... sentimos um profundo arrepimento de não termos pinheiros alvos de neve riscando os ventos gelados, os "skies", os trenós...

Que pena! Não temos neve... nem fogões nos quartos, nem o sol da meia noite...

E' verdade. Não temos essas cousas delciosas, mas temos a alva neve, os brancos pinheiros que riscam os ventos gelados e mais os "skies", e mais os "trenós"...

Temos, "Nós" temos, em pleno inverno "l'incroyable" e inconfundivel morena paulistissima!

Os horribes burquezes pessimistas, os velhos, os espiritos "spleenizados" não gostam do frio, invocando o rheumatismo, a tosse, a gripe e outros males...

Mas tudo isso não é nada, quando vemos o delcioso desfile de bellos "manteaux", e, dentro delles as nossas paulistissimas...

O Inverno chegou... Por algum tempo ainda vamos tremer de frio e "sentir" a belleza através dos "manteaux"...

Maio de 1935

A.

Felicidade!



A Exma. Sra. D. Isaura Avalone e seus graciosos filhinhos

Anniversarios

MAIO:— 26 — Sr. Waldomiro dos Santos Bomeisel; menino Gastão F. Barbosa

Dia 27: Sr. Tabajara P. de Oliveira; sras. d. Aurea Miranda Erhardt, d. Nizia de Souza Miranda Duarte; sritas. Izaura de Oliveira Barbosa e Jandyra Maciel de Almeida

Dia 28: Sritas. Clarice Dolee, Odette de Oliveira Lima, Hilda Piovesan.

Dia 29: Srs. Alberto da Costa Pereira, Euclides Gonçalves de Oliveira e Arnaldo Ribeiro; sra. d. Marina Sanches.

Dia 30: Srs. Aldo Giollo e Euclides de Almeida; Srita. Mary Cesar.

Dia 31: Srs. Roque Campanaro, Ewerton Fraga, Sra. Electra Rodrigues.

JUNHO:— 1 — Srita. Olga Miranda.

Dia 2: Srita. Hilda Baialuna

Dia 3: Srs. Conego Dr. Nicolau Cosentino, Dilermando D'Angieri; menina Stella Vidille.

Dia 4: Srs. José Quirino de Paula e Armenio Ladeira; srita. Odette Sciamatelli.

Dia 5: Srs. Ignacio de Paula Rodrigues, Waldemar Paula Simões, srita. Ignez Silveira Prado.

Dia 6: Srs. José Paeterec Netto

CARNAVAL DE 1935



Segura meu bem!
Segura na mão!
Não deixes partir o cordão!
Mas... eil-as, ellas partiram o cordão...

Dia 7: Sras. d. Aurea de Campos Dias e d. Melania Fortarel Barbosa; srita. Neyde de Oliveira.
Dia 8: Srs. Tancredo E. Siqueira, Dorival D'Angieri e João Randais.
Dia 9: Srs. João J. Penteado, Antonio Maciel de Almeida Jr.
Dia 10: Srs. Antonio Madeira da Fonseca e Amadeu Vidille.
Dia 12: Srs. Antonio Mazzuia; Srita. Thereza Anaruma.
Dia 13: Srs. Antonio Marques Mora e Francisco Kohler; sras. d. Palmyra G. Moreira e d. Martha Byczinski.
Dia 14: Sr. Sebastião A. Ferreira.
Dia 15: Sr. Waldemar Neivas; sritas. Ada Zapparolli, Edith Camillo.
Dia 16: Srs. Pedro Giannasi, Carlos Kohler; menina Odette Cotrim.
Dia 17: Sr. José Martins; srita. Gilda Ribeiro, menina Hilda Cotrim.
Dia 18: Srs. Oscar Maia, Jorge Normanthon, João O. Müller e Felício Braz Caetano; Srita. Josephina Erhardt.
Dia 19: Sr. José Alvarez; srita. Odila Camillo.
Dia 20: Sra. d. Leonor S. Prado e srita. Irene Borin.
Dia 21: Sr. Luiz G. de Camargo.
Dia 22: Srs. Carlos de Salles Boga e Luiz D'Oliveira Fray; sritas. Ophecia Lerbach e Marina da Silveira.
Dia 23: Sra. d. Nair Araujo; srita. Octaveia Bellini.
Dia 24: Sr. João C. Blander; Müller; sras. d. Anna Isabel de Mello, d. Waldomira Pereira de Sá, d. Maria A. da Costa, d. Carolina D'Angieri e d. Maria Aparecida Pivetta; srita. Joanna Lordello.
Dia 25: Srs. João Copelli e Christiano Lrbach.
Dia 26: Sr. Alfredo Fronzaglia; srita. Euridice G. de Oliveira.
Dia 27: Srs. Faúrinio José de A-

raujo e Oscar Erhardt; srita. Iracy de Oliveira Lima.
Dia 28: Srs. Paulo Fleury de Camargo, Pedro Bulisani, José A. Braga e José Mantilla.
Dia 29: Srs. Manoel Annibal Marcondes, José P. de Oliveira, Oscar Jannes e Pedro Celestino Penteado; sras. d. Rosinha Gallo de Moraes, Pierina Saccenti Ferraz.

NO TENNIS PAULISTA



Ellas, e as sorrirem, felizes, ao redor delle...
Dizem, e sorriem, felizes, entre ellas...

Noivado

Tem o seu casamento contratado a snta. Esther, filha do rym. snr. Salomão Ferraz e d. Emilia Ferraz, residentes na Capital, e o snr. João Baptista, filho do snr. João Baptista Figueiredo, nosso collega de imprensa.
Aos noivos, formulamos os nossos votos de felicidades.

Casamento

Realizar-se-á no proximo dia 22 de julho, ás 14 horas, o enlace matrimonial do snr. Manoel Ferreira Simões filho do sr. José Simões, já fallecido, e de d. Maria de Jesus Moraes, com a snta. Rosa Pistem filha do sr. Giacomo Pistin e d. Luiza Zorzettug. A noiva, a srta. almeida de Ferraz.

Pensamentos... impensados

Toda mulher **bonita** pinta-se e arranca sobranceiras sem dôr.

Para ser bonita não mede sacrifícios.

X X X

O unico mal da mulher feia é ter coragem bastante para não achar as outras bonitas.

X X X

Todo homem que amar u'a mulher bonita é um idiota. U'a mulher dotada de muita beleza é um verdadeiro «perigo vermelho»!

X X X

A policia persegue tenazmente os **vermelhos**. Não lhe sobra tempo para vigiar o que não oferece perigo á Nação. Cada um que se zele.

X X X

Toda mulher diz que não pensa em nada. E' uma

mentira. Quando ellas não pensam em nada, algum homem está sendo victima de alguma conspiração.

X X X

A moda nas mulheres é como o cambio no Brasil. Sobee e desce sem dar satisfações a quem quer que seja.

X X X

Dizem que as mulheres falam muito. E' verdade. Mas é verdade, tambem, que ha certos homens que falam muito mais.

X X X

Se muitas mulheres se lembrassem da palavra **realidade**, deixariam de ser tão orgulhosas.

X X X

Se não existisse a morte, a vida seria a coisa mais besta.

HERMES, O PENSADOR



Que reporter imper... tinente !...

Conferencia Integralista

Quinta feira, 23, no Theatro Polytheama, teve logar uma longa conferencia, na qual fez uso da palavra como orador principal o sr. Plinio Salgado, chefe nacional da Acção Integralista Brasileira.

O orador estendeu a sua palavra ao estudo da situação nacional, expondo inumeros factores que são a razão de ser do Integralismo no Brasil.

O theatro esteve literalmente repleto, notando se pessoas de todas as camadas sociaes.

Devido a escassez de tempo transferimos para o proximo numero de «Sultana» os instantaneos batidos.

Humorismos

— O novo pensionista : Para que aquellas grades ? Tem medo que entrem ladrões ?

— A dona da pensão — Não. Tenho medo que saiam os pensionistas.

— Como pôde o senhor caçar esses passaros tão pequenos, sem despedaçalos com os tiros ?

— E' que eu aperto o gatilho bem devagarinho...

— Hontem, entrei bebendo em casa, quando batia meia noite. Pois minha mulher, a cada badalada, me dava um bofetão...

— E agora que vaes fazer ?

— Vou entrar em casa á 1 hora da manhã !

SULTANA

A SUA REVISTA

"SULTANA"

Revista mensal iundlahyense

EXPEDIENTE :

Director:

Casimiro Brites Figueiredo

Secretario:

M. Fagundes Cotrim

Gerente:

Sebastião Ortiz de Miranda

Redacção e Officinas:

RUA DO ROSARIO N. 63

PHONES { Direcção. 21
Secretaria. 621
Gerencia. 380

CAIXA POSTAL, 70

Assinatura annual 12\$000
Numero avulso 1\$200
Numero atrasado 2\$000
Para anuncios, peça a tabella.

Acceta e publica photographias, instantaneos, collaborações, etc. se estiverem em conformidade com as condições.

Dá preferencia a photographias de assumptos que se relacionem com a nossa terra.

Não publica artigos politicos, polemicas, criticas ferinas, etc.

Não se responsabilisa pelas idéas expendidas pelos colaboradores.

Não devolve originaes, mesmo quando não publicados.

|||

Á

A

R

T

E

|||

Arte, fragor dos sec'los redivivos !
Phineá ou Beatriz, por te adorar
eu erijira desde os primitivos
tempos, a vida e o Cósmos, n'um altar.

Se pudessem teus olhos, dois sóes vivos,
no seu clarão diluir o meu olhar,
não terias meus olhos mais captivos
do que é todo o meu ser para te amar.

Canção de uma alma n'outra repetida,
és como o amor: um extase das almas,
onde ha infinito e gemio e coração.

Hymno á Belleza, que é o esplendor da vida,
passas por entre um turbilhão de palmas,
levando a Terra á gloria da Amplidão !

Silveira Netto

(Para um album)

Saibas que eu me sinto feliz, quando estás commigo. Bem sabes o que significa esta phrase. Realmente eu me sinto um homem bem feliz nesse momento, e, porque não aproveitarmos essa occasião? O amanhã é incerto; não podemos confiar nelle, por isso sejamos felizes o mais que pudermos, emquanto pudermos...

Em tempos idos, quantas vezes duvidamos do futuro, que é o presente; no tempo em que o nosso amor éra fragil; naquelle tempo em que não encaravamos a vida como ella é; naquelle tempo em que, como deves lembrar, resolvemos por termo ao nosso amor, e, porque? Tantos poderiam ser os impecilhos que se nos antepuzessem em nossa estrada e no entanto, aquelle, que só tú e eu sabemos, foi justamente o causador do desmoronamento dos nossos primeiros castellos; aquelle tão insignificante motivo quasi desfez um sonho tão lindo e tão caprichosamente idealizado, mas... não o conseguiu.

... e o nosso amor continuou por mais algum tempo, quando algo de extraordinario aconteceu na minha vida. Nem gosto de recordar esse tempo, que foi o mais triste pedaço de minha vida: como eu fui infeliz nessa quadra; quantos aborrecimentos de uma só vez...

Separamo-nos e...

Dolorosa e triste reticencia! Quanta amargura me fizeste passar e quanta magua me causaste!

Essa separação tão inesperada fez com que te esquecesses que eu ainda existia e que te votava o mais

puro e maior affecto. Porem não te culpo: em parte, tinhas razão. Fiz mal em me separar de ti, daquella maneira, mas, não pensei e nem sequer imaginei que os factos se desenrolariam assim.

Emfim todos esses pesadelos passaram e desapareceram, e, eis-nos, novamente juntos. Espero que agora não nos separemos mais. A minha vida te pertence, assim como a tua me pertence. Somos um para o outro.

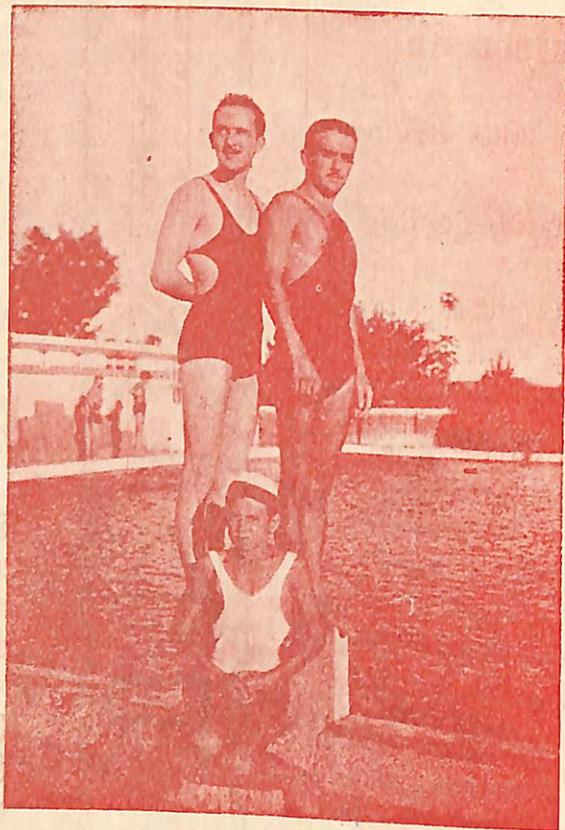
«Na vida de cada homem ha sempre a sombra de uma mulher». E's agora minha noiva, mas si por acaso

não o fosses, serias a sombra de mulher da minha vida.

Sê boa e trata-me carinhosamente, retribuindo assim os carinhos que te dispenso. Retribue com amor o amor que te dedico. Confieemos um no outro em todo e qualquer momento. Repartamos as nossas alegrias, bem como as nossas tristezas. Sejamos duas almas em um só pensamento; duas intelligencias em uma só accção, unamos os nossos corações numa só prece e sejamos felizes o mais que pudermos.

Se'mo

Associação Esportiva



Promptos para o "mergulho"

Cartão Azul

Léo Junior

Foi no sabbado da alleluia, pouco depois della ter rompido...

Andava pelo ar de Curitiba uma grande alegria, fazendo esquecer toda a tristeza das ultimas quarenta e oito horas, quando na Praça Carlos Gomes deparei com uma carinha pintada... Fazem hoje cinco dias.

Era uma destas meninas moças que pullulam nas artérias curitybanas, todas cheias de mocidade e beleza.

Ella, porém, me despertou a curiosidade por dois motivos: era linda e estava escandalosamente pintada!

«A Carinha Pintada», nome pelo qual aqui respon-

derá na impossibilidade em que estou de saber o verdadeiro, que supponho pequenino, mavioso, em tudo de accordo com o typinho delicado de «Carinha Pintada», me fez ficar pensando no porque do seu caso — sendo tão linda no verdor das suas 15 primaveras presumiveis, lançava mão de prejudicial requinte de «toilette», desculpavel somente em espiritos já um tanto gastos e que teem prazer em se illudir pensando illudir os outros...

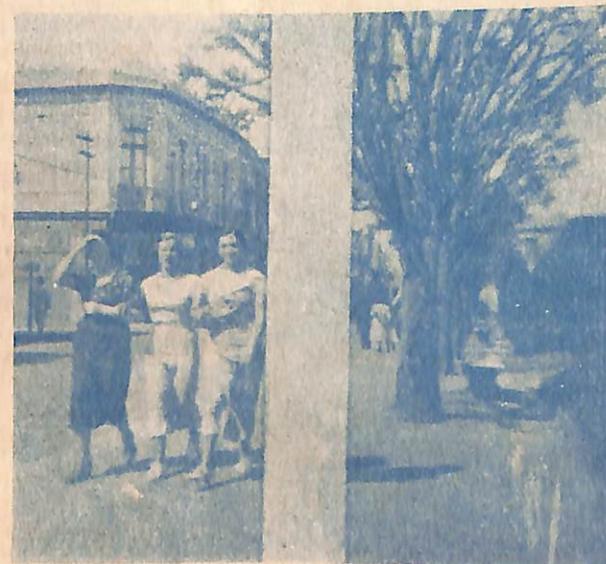
Como eu sinto não conhecer «Carinha Pintada» para junto della implorar por todos os anjos do céu que, emquanto é tempo, aban-

done de vez esse habito grotesco de cair e colorir o seu tão formoso rostinho! Pouco mais, já será tarde, porque os imperceptiveis effeitos corrosivos dos ingredientes usados, terão completado a sua obra destruidora, incluindo no rôl das cousas afeiadas, mais um rosto que bem podia ter ainda irradiações no meio social em que vivemos.

Os desastrosos exemplos enxameiam por ahi; não poucas são as mulheres que hontem apresentavam formosura no rosto e nas unhas, e hoje todo aquelle brilho desapareceu e não pôde ser restaurado apesar da quantidade de objectos com esse destino e que, dormindo estão em cima do «toilette»... E, novos Tantalos, soffrem do mal das suas imprevidencias em querer dar ouvidos á vaidade...

«Carinha Pintada» está lendo este cartão azul, hoje, aqui impresso em seu louvor, e, accitando todas as minhas observações, não mais desvirtuará o seu tão lindo rostinho, porque elle será mais lindo, mais formoso, mais apreciavel, sem o branco e o vermelho buscados no pó de-arroz e «rouge». Alleluia!

INSTANTANEO



Ell-as que passam marcando na cadencia do passo, o ritmo da vida...

A mais barateira de Jundiáhy...

“A FELICIDADE”
CASA DE MOVEIS

Jacob Ghindis

R. Vigarío, 99 A-B C — Phone, 171

Casemiras estrangeiras e nacionaes - Roupas feitas - Guard-chuvas - Colchas e acolchoados - Morins - Bolsas - Pelles - Malhas de lã - Tapetes - Passadeiras - Congoleuns - Camisas de tricolore - Chapéos das melhoes fabricas - Ternos - Capas - Sobretudos de primeira, sob medida, etc, etc.

O coração bate e freme — vive; perde o compasso e ama — sofre. O sofrimento — é a maior garantia do amor. E' sofrendo que delle, o amante se apercebe.

Uma geração contra quatro

Para "Sultana"

Jayme P. Coeli



Antigamente, chegava pela desvão de uma panela, ou por detrás de um reposteiro. Agora não. Vem solerte, e arrogante. Mostra-se com uma hufarrance de espantar, e espanta por isso, mette medo. A liberdade com que se apresenta, faz-o dominar. E' a lei da oferta e da procura — abundando as ofertas, restringem-se as procuraes.

O amor cega. Cada homem, na sua vida, tem o seu amor. Pode ser aos dezeto ou aos quarenta, aos sessenta ou aos oitenta annos, mas vem, e vindo — quem o desonheira humilha ignorava o que era, poderos — eis chegado a vez do ajuste de contas, a hora de pizo da consciencia.

No concerto, como tudo corre bem, que felicidade! Tudo é rosa, e rosa sem espinhos; só belleza e harmonia. E que felicidade! E que felicidade!

O vendaval, que atira ao rosto do amante toda a areia e a pólvora da estrada, e logo brisa. A tempo, tudo que o alaga e a quebra, e logo se bota. E assim por diante. A poesia é o amor. Si faz frio, aconchega-se, abraça-a, e a aquecem. Si faz calor, cobrem-se, e a refrescam.

O amor é o melhor vinho da pluvial. E' bebido nas festas, e forma a opima do que anda, no reverberio da esperança, e na honestate. E' o que bom. E' que sobrio. E' que felizidade.

Si os que se amam são pobres, a esposa é a puz da pobreza, e a filha do venturo. A esposa é a filha do amor. A filha é a quente cuberta, e a venturo da riqueza do vivo do amor.

E' soffrendo que o homem conhece a vida, que está no estado de ignorancia.

EGOS DO BAILE PRO HOSPITAL



As senhoras, Mrs. B. e Mrs. C. no baile...

e domestica, com 25 annos.

79 annos de idade, é um lutuoso passaporte. A situação de aposentado (perdoem-me os que assim não forem), a situação de aposentado é a de quem já deu o que tinha de dar. E a de esperançoso noivo, todo noivo de se ter a verde esperança da felicidade — e a de esperançoso noivo, aos 79 annos de idade, é a prova evidente de que o amor cega.

25 annos, para uma mulher solteira, não é pouca idade, hoje que, aos 13 já é moça, e sosinha passeia e frequenta a sociedade. Mas não é muito. Ha, por ali, tantos 25 annos em flor, enganadores, que se fazem de 18. Admiration, entre tanta, uma paixão ou interesse, entre pessoas tão antipodas.

Que um ancião de 80 annos se apaixonou pelos 25 de uma

Passa a vida de amor e de enebriante perfume, "amoras" justo. Quanto mais velho, mais cruaque. Um dia, ao ver uma bandeira de cocadas em cima da mesa, passou-se a moçalha, e a traga, que com o tempo, mais sentimento e irrequieto, pela aproximação da morte, ao entregar uma rosa que se desabrochava, corre para ella, e a toma, e nem sente que os espinhos dilaceraram-lhe as mãos.

Não creio, no entanto, que tal velho, que desconheço, aposentado por ter trahido tanto, ainda se entusiasme ao olhar uma flor. O bello lascina e atrahê, mas a fragueza da vida é o que o fere. O fere, no receber uma offensa, inopinadamente, e a dor, pela violencia. O fere, não cede, e com os olhos, a procura a justiça de Deus, já que a dos homens não o ampara.

Não sei quem é que dá a uma geração, 24 annos. Talvez, a razão. Compensação, porém, de que é muito. Vinte annos, pelo descausamento da humanidade, he' muita legada. E' assim

sendo, a nossa questão, ou a dos nossos noivos, é a de uma geração contra quatro. Ainda posso aceitar o ardor de quatro gerações por uma. E' a velhice que admira a mocidade, a experiencia que se volta á inexperiencia, o amarello da morte que se dirige ao verde da vida, a camara mortuaria que se abaixa até ao berço infantil. Mas não acceto o casamento de uma geração com quatro, senão pelos proventos materiaes que lhe possam advir.

O materialismo grassa em todas as camadas sociaes, corrôe tudo, e nada escapa á sua accão. E por que não poderia inculir nos vinte e cinco annos, quem sabe si de desillusão, por um verdadeiro amor desfeito, dessa mulher, que, agora, já descrente, acceta um noivo com quasi oitenta annos, e que tem por renda uma aposentadoria?

Perdida a esperanza de ser feliz, quicá trahida por um Don Juan qualquer, desses de ruas escuras, nada mais razoavel que accete o amparo do ancião, que lhe dando os meios de subsistencia, ainda lhe dá a liberdade.

E que liberdade! Fica senhora — de si, e fica com a aposentadoria do velho... até que appareça quem lh'a tire.

O amor que - não - morreu . . .

G. de C.

O estudante pobre namora a filha do capitalista.

Quando acaba o cinema, está com o lenço sujo de «baton»...

Elle é idiôta...

Podia estar com o bolso cheio de notas...

Com um pouco de geito conseguirá isso...

Com o mesmo geito que conseguiu aquillo...

Ella tem um automovel.

Elle não. Em compensação estuda philosophia e faz versos.

Ella estuda exploração. Coitado do velho capitalista!...

O pae é dono da «Grande Casa Fulano».

O pae «admira» muito o filho de seu gerente. O gerente tem um automovel...

O filho do gerente do capitalista é semi-quasi-analphabeto. Mas sabe gritar com os empregados.

Com grande força de vontade leu a metade de «Os sertões». Justamente a metade dos capitulos das batallas..

Para contrabalançar, lê sempre a «Revista dos Cinemas». Sabe quantos filhos teve a prima da Crawford.

Tambem tem dois carros typo 1935.

O estudante anda a pé e lê Platóo, Aristoteles e outras obras de folego.. Folego de gato.

O rico gosta da filha do capitalista.

Ella não gosta delle. Mas o pae quer.

O filho do gerente do capitalista não gosta propriamente della, mas da caderneta do XX Bank...

A caderneta tem uns algarismos fabulosos, cheios de pontinhos, dois pontos e um cifrão...

O pae della admira muito o filho do gerente.

Elle tambem tem uma caderneta. Mas é muito menos importante. Seu bigodinho vale a differença...

O bigodinho sorri sempre para o velho capitalista.

O capitalista conta piadas infames. O filho do gerente ri sempre.

Negocios de familia.

Amor commercial.

Flores. Veu. Champagne. Gente fina. Os jornaes não contam os escandalos.

Casamento em familia.

Na familia «Grande Casa Fulano».

Agora a firma é Fulano, Sicrano e Beltrano. Sicrano é o filho do ex-gerente, o actual dono.

O ex-gerente, actual dono, é Beltrano

O estudante fez mais 79 versos e 43 sonetos... e continua andando a pé..

Elle tem em uma gaveta 3 balas de revolver.

Tem tambem 28 lenços com 197 marcas de «baton», uma fitinha vermelha; um retrato e uma flor secca...

Mas não tem um revolver.

Nem notas arrancadas da caderneta...

Da caderneta de algarismos astronomicos...

Como não tem revolver, fabricou mais 17 sonetos...

Que bobo...

(Desce o panno do theatro da vida) Maio de 1935.

São Paulo de Piratininga

Planalto garoento de collinas altivas
 Por onde, serpeando em curvas graciosas,
 Deslizam crystallinas e silenciosas
 As aguas do vetusto e historico Ypiranga.
 Planalto garoento de campinas festivas
 Sorrindo em matinada ás brizas da manhã,
 E á doce melodia da syrinx de Pan,
 No garrullo palrear de garrulla aracanga.
 Selvas senhorias de arvores frondosas,
 Relvas de verde cor; e serras ondulantes
 Rasgando a immensidão deste céu de diamantes
 Com dedos de granito e unhas pedregosas.
 Mares de verde-anil, os teus encapellados
 Vagalhões escumam contra a rocha ingreme
 Ou quedam-se, de manso, no areal que freme
 Ao amplexo ideal de um sublime noivado,
 Terra prodigiosa, de teu solo fecundo
 Brotam em profusão as sementes plantadas,
 E esplendem ao luar as fructas sazonadas...
 Terra prodigiosa, és celleiro do mundo!
 Alteia-se p'ros céos, em espiraes informes,
 O fumeo respirar dos gigantes de aço
 Que vibram sol a sol n'um continuo compasso,
 Planalto garoento de officinas enormes!
 Berço de vultos mil que a historia glorifica,
 Artista primoroso ou simples operario,
 Porfiam teus heroes, n'um labutar diario,
 Por tornar-te ditosa e, até nisto mais rica!
 Terra da promissão. Berço da liberdade.
 Em teu seio, jamais, a lucta fratricida
 Conseguirá vingar; o teu povo quer vida
 No remanso da Lei desta immensa egualdade!

MOACYR LOBO DA COSTA

MAGDA

Para «SULTANA»

La eu, viajando num desses omnibus que nos conduz da Praça da Sé á vizinha villa de Santo Amaro.

Na Praça Dr. João Mendes, o vehiculo fez uma pequena parada, para receber alguns passageiros.

Uns vendedores de jornaes, faziam na praça, um berreiro infernal, apregoando os jornaes do dia.

Comprei um dos conhecidos jornaes, e enquanto o omnibus seguia a sua marcha, puz-me a lê-lo.

Sempre as mesmas noticias diarias: «O Marido que mata a esposa adultera». «Vultuoso desfalque no estabelecimento commercial do sr. Fulano» «Desastres de Automoveis», etc.

Corri os olhos pelo jornal, e, distrahidamente, puz-me a ler os annuncios...

Qual não foi o meu espanto, ao ler este:

«Dr. Estacio de...
 Advogado
 Causas Civeis, Criminaes
 etc. Rua... 4.º andar, sala
 n.º...»

Ora, o Estacio, meu antigo collega de Gymnasio, agora formado em Direito. Ha quanto tempo que eu não o via. Amanhã mesmo, irei visitá-lo. No dia seguinte, fui ao seu escriptorio fazer-lhe a visita.

Lá chegando, tomei o elevador. O ascensorista, um negro pernóstico e mal encarado, — perguntou-me com arrogancia:

— Que andá?

— Quarto Dr. Estacio.

O elevador começou a subir... a subir... e o negro

pernóstico, quando chegou no andar que eu lhe tinha determinado, disse-me com a mesma arrogancia:

— Prompto. A sala é aquella.

Sahi do elevador, e encaminhei-me para a sala que o negro (sempre mal encarado), indicou.

**

Bati na porta, apezar de estar aberta.

— Entre. (Disse uma pessoa que se achava detraz da escrivaninha).

— O Dr. Estacio..

— Sou eu mesmo. Que deseja?

Nem o tinha conhecido e elle tambem não me reconheceu.

Pobre Estacio! Como estava velho, acabado e desfigurado! Ha dez annos que não o via, e nesse curto espaço de tempo, parece que tinha envelhecido cincoenta! Seu cabello quasi todo branco! E o rosto? Meu Deus! O rosto todo enrugado e desfigurado por uma enorme cicatriz...

— Oh! Estacio. Não me conheces mais? Não te lembras mais de mim?

— Ah! Sim. Agora me lembro! Estavas no Gymnasio commigo. Nem te reconheci... tambem faz tanto tempo...

— ... Mas como estás acabado!... Que é isso?

— E' a vida, meu amigo. A de aborrecimentos faz a gente ficar velha antes do tempo. E você que faz? Formou-se tambem?

— Não. Não me formei. Sou corrector. Cursei o Gym-

nasio até o primeiro anno: na occasião dos exames, levei «bomba». (deves estar lembrado disso). Dahi abandonei os estudos...

— Fizestes mal. Devias ter continuado... mas como me descobriste aqui?

— Lendo este annuncio, e indiquei o annuncio do jornal, que trazia commigo.

**

Reparei sobre sua escrivaninha, um retrato de mulher, envolto num pedaço de gaze preta e ao lado um livro ainda em preparo, onde pude ler este titulo em letra gothica: «POR-QUE ODEIO A DEUS».

Fiquei admirado ante aquella titulo, e elle percebendo a minha admiração disse:

— E' um livro que estou escrevendo. Um trecho da minha vida...

— Mas para que esse titulo? Eras no Gymnasio, o primeiro alumno da classe, em materia de religião!

— Queres saber? Vou contar-te...

**

«Eramos ainda creanças. Magda tinha naquelle tempo 7 annos e eu 9. Moravamos vizinhos, na Villa de Itanhaen. Frequentavamos a mesma escola. Até sentavamos no mesmo banco, e apóz as aulas, iamos brincar na Praia, fazer castellos na areia. Quem não conhecesse nossas familias, até julgava que eramos irmãos».

Depois de completar o curso preliminar na escola

de Itanhaen, o velho mandou-me para a Capital, estudar no Gymnasio, no Gymnasio onde te conheci. No dia da minha partida eu disse á Magda:

— Magda, vou estudar, e as minhas ferias virei passal-as aqui, para brincar contigo...

**

Cumpri com a minha palavra. E as minhas ferias annuaes, ia passal-as na casa de meus paes. Junto de Magda.

Annos passaram.

Terminei o meu curso gymnasial. Nesse tempo eu tinha 19 annos e Magda 17. Foi então que comprehendí que a minha amizade para com ella, não era só amizade. Era também amor. E ella amava-me também...

Tinha de voltar á Capital para concluir os meus estudos na Academia de Direito, e no dia da minha partida disse-lhe:

— Magda, amo-te muito. Daqui ha alguns annos estarei formado; e quando voltar, pedirei á teu pae, para consentir no nosso casamento...

— Sim Estacio. Eu te esperarei...

Li nos seus olhos, a alegria que reinava naquelle momento, em seu coraçãozinho de creança...

**

Após minha formatura voltei para a Villa. No dia da minha chegada dei uma festinha modesta e intima.

Magda e seus paes, por serem amigos intimos de minha familia, já se encontravam em casa logo cedo.

A festa correu sem novidade, e á noite, antes de seu pae sahir, tive a oportunidade, para pedil-a em casamento, e elle me respondeu:

— Sim, Estacio. Estimo-

te como si fôras meu filho. Sei que Magda ama-te também, e é um prazer para mim, ver-te como esposo de minha filha. Porém vou te propor uma condição:— o casamento deve realisar-se o mais breve possível.

— Quando o senhor quiser...

**

Trez mezes depois, o jornal da Villa annunciava o nosso casamento.

Os editaes já haviam sido affixados em Cartorio, e uma semana antes do dia do nosso enlace, vim á Capital para fazer algumas compras...

Parou um pouco. Fixou os olhos nos meus, e proseguíu:

— “Mas, sempre ha uns espinhos espalhados pela estrada da nossa vida...”

Tirou um lenço do bolso, enxugou duas lagrimas, e continuou a contar o seu romance:

— “Chegando á Capital, quando atravessava uma das ruas de grande movimento, fui atropelado por um auto.

Conduziram-me a um hospital. O meu estado era gravissimo. Estava completamente desacordado, e fiquei sem poder fallar durante uns dez dias. Quasi morri, meu amigo... não poude mandar noticias para Magda... para minha familia... e após uns 15 dias entrei em convalescença. Mesmo fraco como estava dirigi-me para Itanhaen e logo ao chegar, tive esta triste noticia:— Magda tinha se suicidado, julgando que eu nunca mais voltasse... ambas as nossas familias desapareceram da Villa, e até hoje não tive noticias suas.

Fui ao cemiterio visitar a sepultura de Magda... Sim,

Magda, a minha querida Magda que Deus me roubou... Odeio a esse Deus!... Odeio!

Nesse mesmo dia desapareci da Villa... e hoje vivo entre essas quatro paredes e dedico a minha vida, somente a este livro.

Fez uma pausa; olhou-me (talvez para me avisar que tinha terminado a sua historia). Apanhou o retrato de Magda, beijou-o; e duas grossas lagrimas lhe rolaram pelas faces...

Retirei-me do seu escritorio, mesmo sem lhe dizer adeus, antes que as lagrimas que me rourejavam nos olhos, me corressem pelas faces...

Pobre Estacio...

**

No elevador, o negro pernostico dirigiu-me esta phrase:

— Parece que o «dotó tá ficano loco»...

— Cala-te. Ave agourenta!

**

Tinha razão o negro. Dias depois os jornaes traziam a noticia que Estacio ficára louco, e estava internado no Hospicio de Juquery...

Fui visital-o. Fui mas não o vi.

Informou-me o enfermeiro que, era muito doal. Só vivia escrevendo esta phrase pelas paredes:—

«Magda! Magda! Deus m'a roubou. Odeio esse Deus! Odeio»...

JONI

É DA VIDA...

Deitou-se cheio de vida
O Zéca da Silva Porto
Mas quando quiz accordar,
Não poude: já estava morto!

GRANDE FABRICA DE SABÃO E SABONETES
SECCOS E MOLHADOS POR ATACADO

Marcas Registradas:
Virgem, Cubano e
Sabonete Mela Lua n. 1

Luiz Milani & Irmão

INDUSTRIAES E IMPORTADORES

JUNDIAHY — E. S. Paulo — Rua do Rosario, 31-33
Phones: Fabrica, 195 — Escriptorio, 426
Caixa do Correio, 22

Casa de Saude
“Fratellanza Italiana”

Raios X — Electroterapia — Laboratorio para Exames Clinicos —
Corpo Medico dos mais eminentes. Reunidos todos os dias uteis
na Casa de Saude, das 13 ás 15 horas.

Diagnosticos, Operações, Partos. — Tratamento das affecções da
pelle, das vias urinaarias, sífilis. Prompto socorro aos accidentados a
qualquer hora do dia e da noite. PHONE, 3-9-4

GABINETE ELECTRO-DENTARIO

— DE —

EUZEBIO N. MACHADO

com 16 annos de tirocinio profissional — Consultorio de 1.ª ordem e conforto primoroso
Trabalhos clinicos e cirurgicos integralmente sem dor, cooperados exclusivamente pela
“psicotherapia-espontanea”. ESPECIALIDADE — tratamentos de pacientes profundamente
nervosos e crianças (pediatria), extracções difficilimas, bridge-work, dentaduras
anatomophysiologicas de Resovin e vulcanite. Os trabalhos protheticos são
confeccionados com o maior capricho possivel. Trabalha-se sómente em horas marcadas.
CONSULTORIO E RESIDENCIA: RUA DR. TORRES NEVES, 46 — TEL. 575



Quer uma boa camisa?
Procure a CASA TREVO



HOJE, AMANHÃ
SEMPRE... CAFÉ
E ASSUCAR
“SANTA MARIA”

Você foi um
mão piloto

Olhe, você está vendo
aquelle barco pequenino
e airoso como um cysne?
Aquelle barco que tem
uma vela branca
e azul, uma bandeira
que panneja?
Dentro ha um marinheiro,
um marinheiro alegre
que agóra acena o gorro
para saudar,
para dizer adeus...
Será feliz esse barquinho?
Eu tenho dó do marinheiro alegre,
que sabe cortejar
com tanta polidez.
Olhe, você está vendo?
O mar zangou-se.
Como espumeja
e cresce
e se debate
e uiva l...
O barquinho, coitado,
está tremendo,
e o piloto
parece um pequenino insecto
que o vento léva
na concha de uma pétala...

Meu coração era um barquinho.
Tinha uma vela toda feita
de esperanças.
Eu não podia soltal-o
no mar da minha vida,
que era calmo,
por falta de um piloto.
Então você chegou
e pulou dentro d'elle.
A vela ondudou
em doce movimento,
e o barquinho partiu...

Hoje tenho o coração
despedaçado
pelas tempestades
do destino;
pois você foi
um piloto ruim,
um piloto covarde.
Você não guiou
direito
o meu barquinho.

José de Arreda Camargo

Jundiah, Maio de 1935

LINGUAGEM FALADA

Uma das falhas verificadas no ensino do português é o descaso com que se trata a linguagem falada.

Todo estudante, depois de poucos exercícios, é capaz de escrever com alguma correção, e se errar, pôde lançar mão da borracha que o auxiliará. Entretanto, uma palavra ou frase, depois de proferida jamais se apaga, e, quantas vezes pôde-se ficar mal visto por um deslize de linguagem falada.

Talvez, por esse motivo, há nos programas do curso secundário, a parte de caligrafia que é feito justamente para o aluno exercitar-se na prosa e dizer as coisas com certeza e correção.

Quantos moços, e o que é mais grave, quantas moças, rebentos de famílias distintíssimas não deixam entrever, através de sua linguagem descuidada, a falta de sentimento estético ao proferirem termos que só ficam bem na boca de pessoas desclassificadas.

A falta de assunto então tem deixado muita gente em apuros, por isso que tratar de artistas de cinema ou das vestimentas de suas amiguinhas já está por demais batido e enfadonho.

A cargo, portanto dos colegas de disciplina está o tratarem dessa parte da linguagem - a linguagem falada - com um pouco mais de carinho e nossos conteraneos não darão, em breve tempo, prova de incultura e de pobreza de espírito.

Lazaro Miranda Duarte

Ceramica Villa Ramy

Material aprovado pelo Serviço
Sanitario do Estado.

Fabricação de Manilhas e Ma-
teriaes congeneres.

A. Cardia Junior

Fabrica e Escritorio: JUNDIAHY
Caixa Postal, 45
Telephone, 229



Ha no album da minha vida, uma pagina que só a ti, meu querido amor, foi dada conhecer. Nunca mãos profanas a tocaram, nunca. Essa pagina diferente das outras, tem o rebordo de ouro. Nella eu escrevi com a tinta vermelha do meu sangue estuante o poema mais lindo e mais sentimental que um mortal jamais viveu. Foi quando os teus olhos queridos entraram na retina dos meus, tristes e sonhadores. Corporifiquei a tua silhueta gracil e amada nos meus sonhos e não sahiste mais, nunca mais, do meu pensamento. Vivo numa alegria doida a acalentar as chammas sacrosantas desse fogo crepitante que se transformou, sublime, em um grande e infinito sentimento. Vivo, na religião mystica que a biblia não nos ensina, a comungar nos teus beijos puros, hostias alvissimas de infinito amor. Quem me dêra, Deus de bondade, que esse sonho tivesse sempre a mesma penumbra, a mesma côr, o mesmo amavio mysterioso, que são bem as contas do rosario que os meus dedos lentamente vão desliando.

Nesse album, nessa folha de rebordo de ouro, que é a singela homenagem do meu grande affecto, eu guardei a sombra da tua lagrima feliz e guardarei mais tarde a lagrima dos meus olhos torvos quando apontar o meu primeiro fio de cabelo branco.

SERGIO

ESPINHOS...



Espinho... que crucia a alma de um enamorado, é o ciume. Ciume, que é ancia, que é dôr, que é desconfiança. Ciume - egoismo de quem quer tudo para si e nada, nada para os outros...

Espinho... que crucia a alma de u'a mãe, é o sobresalto. Sobresalto, que é temor, que é cuidado, que é adoração. Sobresalto - sensibilidade de u'a alma que vive pela vida de seus filhos...

Espinho... que crucia a alma de uma viuva, é a saudade. Saudade, que é sofrimento, que é tristeza, que é lembrança. Saudade - sentimento que vive na alma de quem vive do passado...

Espinho... que crucia a alma de um sacerdote é o despreendimento. Despreendimento que é renuncia, que é sacrificio, que é martyrio. Despreendimento - virtude de quem suffocou a ambição de bens terrenos...

Espinho... que crucia a alma de uma solteirona é a inveja. Inveja que é odio, que é despeito, que é desespero. Inveja - agonia em que se debate uma alma que não pôde realizar o grande sonho...

Espinho... que crucia a alma de um vencido, é a vergonha. Vergonha que é impotencia, que é incapacidade, que é revolta. Vergonha - tragedia intima vivida por quem não teve animo de enfrentar a hora da desgraça...

MARCUS VINICIUS

CURIOSIDADES

Cães de Constantinopla

Uma particularidade curiosíssima de Constantinopla é a enorme quantidade de cães que nella habita.

Pelo menos até poucos annos, segundo dados, chronicas e observações de grandes viajantes, os cães constituíam uma segunda população da linda capital ottomana.

E' sabido geralmente, quanto são admirados pelos turcos, que, até chegam a defendel-os, quando necessario.

Mahomet, o Conquistador se fazia acompanhar de um enorme estado-maior canino, na sua entrada triunphante, pela brecha da porta de São Romão; o Alcorão recomenda sentimento de caridade até para com os animaes, ou porque são prenuncio de boa fortuna, ou porque eram amados pelo Propheta, ou porque fallam delles as historias mais sensibilisadoras, o facto é que são muito amados pelos turcos, que chegam até a deixar em testamento quantias vultuosas para a alimentação dos cães de Constantinopla.

Foram objectos de grandes manifestações populares, havendo festejos interessantes, quando da sua volta da Ilha de Marmara, onde estiveram segredados, por decreto do Sultão Abdul Medjid.

Mas, como os cães são systematicamente immunos, por esta circumstancia, é fora de duvida que os turcos não os quizessem em casa e ficavam então condemnados a viver pelas ruas, constituindo, portanto, uma grande republica de vagabundos livres, sem nome, sem officio, sem casa, sem leis.

Alli vagueiam e comem, alli se alliam e dormem, alli proliferam, crescem e alli morrem, sem contudo serem molestados, pelo menos em Stambul.

O mesmo acontece em Pera e Galata, mesmo porque se alguem os quizesse enxotar, deveria distribuir bengaladas e pedradas, desde sahir de casa até voltar, tal é a quantidade espantosa que infesta os bairros. Vivem aos montões nas ruas, dormem uns sobre os outros, formando quasi sempre serios obstaculos aos vehiculos que por alli transitam.

A qualidade dominante dos cães de Constantinopla, é a indolencia; chegam a ver os vehiculos a dois palmos do focinho, na immnencia de serem esmagados, e somente então, é que se locomovem, procurando apenas uma distancia sufficiente de se livrarem do perigo, continuando alli seu somno.

E alli permanecem dias inteiros, entre um movimento e um barulho loucos.

São conservadores, procurando quasi sempre os mesmos sitios para o repouso.

Tal como a população humana, os cães de Constantinopla, vivem em seus bairros.

Cada rua é tomada por um determinado numero de cães, irmãos e amigos, que se não afastam jamais, tambem não deixando lá entrar «forasteiros», exercendo assim perfeito serviço de policiamento.

Tem seus pontos de guarda, seus postos avançados e suas sentinellas que fazem reconhecimentos.

Infeliz do «forasteiro»,

que se arrisca por uma aventura qualquer ou mesmo para matar a fome, a penetrar no bairro.

Cae lhe em cima um bando de canzarrões com o intuito de liquidal-o se o apanhar, e, não conseguindo apanhal-o, perseguem-no até a zona limitrophe, não ultrapassando-a porque o bairro do inimigo tambem é respeitado e temido.

A meude, surgem verdadeiros conflictos, cujas victimas apparecem com as orelhas esfoladas ou as pernas quebradas, contorcio nando-se para alliviar as dores. Mas isto é questão de um momento, apenas — uma disputa de um osso, uma scena amorosa ou mesmo a tentativa de pacificação de uma luta entre dois com a intervenção de terceiros.

A caricia humana é rarissima a estes pobres animaes, e tão rara que quando alguem, na rua, affaga um cão, dispensando-lhe alguns minutos de sympathia e carinhos, fica immediatamente rodeado por uns dez, acenando o rabo, ganindo, chegando até a acompanhá-lo ao fim da rua com os olhos scintillantes de alegria e de gratidão.

Oh! quanto contraste ha entre estes miseraveis cães anonymos de Constantinopla, com os lindos de estimação, como os galgos, os Pomeranios, os de agua, os fox terrier e outros...

Sem donos, sem ração certa, sem trato, sem carinhos, unicamente cheios de fealdades. Rabo decepado, orelhas mutiladas, pellados como se foram banhados em soda, um olho vasado, devorados pelas moscas...

Emfim uma expressão eloquente de fome e de miseria, de uma vida de cão...

LYNCE

Telas & Palcos

O **Polytheama** e o **Republica**, exhibirão, hoje, (26) «Uma noite de amor», um verdadeiro poema musical.



Grace Moore e Lile Talbot

Duzentos e sete mil, novecentos e quatorze dolares e vinte e oito centavos, ou sejam, cerca de... 3.200:000\$000 rs. (Tres mil e duzentos contos de réis) em nossa moeda!... Foi essa a cifra phantastica que se conseguiu com a extrêa de «Uma noite de amor», o film maravilha de 1935, no maior cinema do mundo, o Radio City Music Hall, de New York. E' um precioso indice do interesse da população da maior cidade do mundo por um espectáculo cinematographico digno de attenção. Essa pellicula formidavel conta no principal papel, com a figura de Grace Moore, a famosa prima-donna do Metropolitan Opera House, querida pelos «fans» do mundo inteiro e principalmente pelos de Paris, que

são incontaveis. A nossa cidade vae saber hoje porque os americanos gastaram esses fabulosos 3.200 contos de réis, para assistir ao mais glorioso poema musical de todos os tempos!

E' um film da «Columbia Pictures», com Grace Moore, Tullio Carminatti, Lyle Talbot, Mona Barrie e dirigida por Victor Schertzinger.

NOTAS PARAMOUNT

Juliette Compton, ex-contractada da Paramount e estrellada applaudida de um bom numero de filmes inglezes, acaba de voltar aos studios daquela productora para filmar um papel em «Behold mi Wyfe» com Gene Raymund e Sylvia Sydney nos papeis principaes.

Direcção de Mitchell Leisen.

Outra ovelha de volta ao aprisco é Kathleen Burche, a quem foi offerecido agora um contracto de sete annos e que tornaremos a ver em «Lives of a Bengal Lancer» ao lado de Gary Cooper, Franchol Tone e Sir Guy Standing, os protagonistas.

Já deve estar em actividade nos studios da Paramount, Mary Ellis, uma actriz cantora que tem brilhado no repertorio de opera, opereta e drama, alternadamente.

O contracto foi fechado pelos agentes da Paramount em Londres, onde Mary Ellis concluiu um contracto com uma troupe de comedia musical.

A Paramount adquiriu direitos de filmagem das novelas de E. E. Paramore Jr. —

No proximo dia 16 de Junho, outro grande film: «AGORA E SEMPRE», com Shyrley Temple, Gary Cooper e Carole Lombard, dirigido por Henry Hathaway. E' uma producção da Paramount.



GARY COOPER
CAROLE LOMBARD
SHIRLEY TEMPLE

EM
Agora e SEMPRE

«The Desert Castle» e «Gunz» cujas situações serão fundidas no argumento de Zane Grey «The Vanishing Frontier» que vae entrar breve na phase de producção, sob a direcção de Charles Barton.

James Flood dirigirá um novo film de aviação «Wings in the Dark» que vae ser produzido pela Paramount.

Cary Grant, Myrna Loy e Roscoe Karns ja foram indicados para o «cast».

Um romance de Kathlean Shephard cujos direitos de filmagem agora pertencem á Paramount, «Weep for Me», offerecerá a trama basica a um film de que Sylvia Sidney será a figura principal.

Diana Lewis, a actriz e bailarina recentemente contractada pe a Paramount fará a sua estreia em «Enter Madame» com Elissa Landi e Cary Grant. No mesmo film teremos a apresentação de Albert Valentino, irmão do saudoso Rodolph.

Está mais ou menos asentada a distribuição de «Code of the West», o film que a Paramount dará a Jackie Coogan para a sua reaparição, após a longa ausencia da téla.

Dois dos outros papeis principaes terão por interpretes Randolph Scott e Evelyn Brent.

Mary Boland fará em fins de Junho a sua decima quinta viagem de ferias á Europa.

A excellente actriz fará com: «Here Comes the Groom» a sua nona fita para a Paramount e pa tirá fão depre sa terminar com Charles Ruggles, a decima, que será «Her Master's Voice.»

«The Cabin Kids», um grupo de cinco jovens «colored» chegaram a Hollywood e foram contractados por Edward Sutherland para apparecerem em «Mississippi» o film que aquelle director está ensenando para a Paramount

AH
MABS



AH
MABS